

HUMANISMO E A ABORDAGEM CULTURAL EM GEOGRAFIA¹

Eduardo MARANDOLA JR.²

Resumo

Partindo do humanismo e da ex-sistência, tal como pensados por Heidegger, em busca do humanismo autêntico que re-coloque o ser em seu lugar, procuramos um sentido para o Humanismo em Geografia, resgatando as razões que influenciaram tal movimento e suas consequências para a Ciência, em geral, e para a Geografia, em particular. O argumento é de que o Humanismo deve transcender as correntes teórico-metodológicas da ciência geográfica, sendo um valor a ser incorporado na prática e no devir científico. Assim, enquanto Fênix que sempre ressurgue, o Humanismo em Geografia do início do século XXI pode contribuir não apenas para a humanização da ciência, mas também para ampliar a trama de fenômenos e relações estudados pela ciência geográfica.

Palavras-chave: Humanismo em Geografia; Valores em Geografia; Geografia Humanista; Geografia Cultural; Epistemologia da Geografia.

Abstract

Humanism and the cultural approach in Geography

With humanism and ex-sistence as starting points, in the Heideggerian tradition, searching for an authentic humanism that re-inserts being in its proper place, we seek a meaning for Humanism in Geography, remembering the reasons that influenced that movement and its consequences for Science in general, and for Geography in particular. The argument is that Humanism should transcend the theoretical-methodological tendencies of geographical science, as a value to be incorporated in scientific practice and progress. Thus, as a Phoenix that is always reborn, Humanism in Geography at the beginning of the 21st century may contribute not only to the humanization of science, but also to the extension of the phenomena and the relationships studied by geographical science.

Key words: Humanism in Geography; Values in Geography; Humanist Geography; Cultural Geography; Epistemology of Geography.

¹ As reflexões contidas neste artigo foram produzidas ao longo dos anos de 2002 e 2003 e incluídas no trabalho *"Londrinhas" invisíveis: percorrendo cidades imaginárias* (MARANDOLA JR., 2003), tendo sido amadurecidas e revisadas durante os últimos dois anos.

² Geógrafo, Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (IG/UNICAMP). eduardom@ige.unicamp.br. - *Endereço para correspondência:* - Instituto de Geociências - Rua João Pandiá Calógeras, 51 - Universidade Estadual de Campinas - Cidade Universitária "Zeferino Vaz" - Distrito de Barão Geraldo - Caixa Postal 6152 - CEP 13083-970 - Campinas - SP

- Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
— Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? — pergunta Kublai Khan.
— A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra — responde Marco —, mas pela curva do arco que estas formam.
Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:
— Por que falar das pedras? Só o arco me interessa.
Polo responde:
— Sem pedras o arco não existe.

As cidades invisíveis - Italo Calvino

SOBRE PONTES, PEDRAS E O ARCO

A ciência e a sociedade contemporâneas presenciam e vivem momentos de profundas transformações e questionamentos. Um novo olhar da ciência é reclamado e o cientificismo parece estar sendo superado. Muitas vozes erguem-se contra o positivismo, o reducionismo, a radicalidade e a falta de respeito em relação ao outro. Novos valores são evocados e o cenário epistemológico resultante ainda não foi completamente desenvolvido ou compreendido.

Um dos desafios é trazer a ciência para o cotidiano, o que não é simplesmente mostrar que elementos químicos servem para fazer remédios e que as pessoas se deslocam sobre o relevo através da história, somente pelas leis físicas e biológicas! A ciência para a sociedade. A ciência para o homem. Eis o foco.

Mas não queremos empreender uma discussão acerca da ética científica e do poder e responsabilidade que acompanham o conhecimento científico, no sentido político do debate. A questão não é apenas a ciência para o homem, pensando em suas aplicações, mas sim, a ciência para o homem no sentido de compreendê-lo e de torná-lo o **valor**, a medida primordial de todo o trabalho científico. Dar à ciência, à técnica e ao desenvolvimento um sentido humano, compreendendo o mundo também como um artefato humano, numa relação holística com a Terra, um artefato Divino/natural.

Tornar o homem o valor é um anseio antigo, aparecendo na história do ocidente, a cada época, de uma forma diferente. Em geral este esforço está relacionado com o **Humanismo**. Uma constelação de significados cercam tal termo, e inúmeros sentidos e discursos a ele estão atrelados. Porém, também não se trata de resgatar uma questão antiga. Trata-se de, através destes significados, buscar uma essência que seja corroborativa com a ciência que se busca re-constituir, neste complexo cenário contemporâneo.

Nosso interesse incide especialmente nos reflexos deste processo na ciência geográfica. Assim, esta re-constituição se dá, adicionalmente, pelo balanço das abordagens dentro da Geografia que reivindicam para si este título, mas que não podem requerer sua exclusividade. O argumento que iremos desenvolver é o seguinte: o Humanismo em Geografia não deve ser o rótulo de uma corrente, como a Geografia Humanista ou a Geografia Cultural. Na verdade, o **Humanismo em Geografia** é uma postura, e aproxima-se muito com o que Paul Claval tem chamado recentemente de **Abordagem ou Enfoque Cultural em Geografia**. (CLAVAL, 2001a, 2001b e 2002) Assim como este, o Humanismo em Geografia deve transcender as orientações teórico-metodológicas internas da ciência geográfica, sendo uma postura ética (no

sentido do valor) de orientação científica, do pesquisador e da pesquisa. Assim, o que argumentamos é em favor de uma **Geografia permeada pelo Humanismo**.

Contudo, para desenvolver esta idéia, precisamos pensar no humanismo a que nos referimos. Esta é uma questão central neste ensaio. O significado deste humanismo pode estar na raiz de toda a argumentação e de nossas inquietações. Para tanto, recorreremos às reflexões de Heidegger, em sua famosa *Carta sobre o humanismo*, escrita como resposta a Jean Beaufret, em Paris, e, de forma indireta, ao próprio Jean-Paul Sartre, que proferiu a conferência intitulada *O humanismo é um existencialismo* (SARTRE, 1984), que instigou Beaufret a indagar a Heidegger. (NOGARE, 1975) Nesta carta, Heidegger (1991) coloca a problemática do humanismo sob o prisma existencialista, indagando a essência do homem, vinculado à sua existência ou ex-sistência. É nesta problemática que procuramos trabalhar o sentido do humanismo como valor para a ciência, em geral, e para a Geografia, em particular.

Como uma outra linha entrelaçada a esta, delineamos a oposição humanista à ciência positivista, como um traço recorrente desde as primeiras formulações de Descartes, representando o ponto divergente e ao mesmo tempo motivador de muitas das posturas humanistas da modernidade. O objetivo deste caminho é resgatar da constelação de significados envolvidos com o humanismo, ao longo do tempo, uma essência valorativa para a necessidade que emerge da ciência e da Geografia de novos valores epistêmicos que justifiquem e substanciem as novas posturas científicas, que envolvem tanto os objetos quanto as orientações teórico-metodológicas de estudo.

HEIDEGGER E A BUSCA DO HUMANISMO AUTÊNTICO: A EX-SISTÊNCIA HUMANA

O humanismo é freqüentemente vinculado à Renascença. Esta vinculação pode induzir a pensar que ele data desta mesma época. Isto gera uma problemática entre os historiadores, conforme mostra Francisco J. C. Falcon, em seu texto *Tempos modernos: a cultura humanista*. (FALCON, 2000) O autor registra que o humanismo e o renascimento deram forma e conteúdo ao clima intelectual e mental do século XV e início do século XVI. Porém, ele ressalta que alguns historiadores julgam o Renascimento como o movimento essencial e abrangente, sendo o humanismo um movimento ou tendência menor no bojo do movimento renascentista, enquanto outros pensadores consideram o humanismo como a vertente filosófica do Renascimento, ocupando um lugar de excelência na visão de mundo renascentista.

Nesta divergência, Falcon aponta para a importância da retomada da cultura ocidental na identificação dos humanistas renascentistas que, mesmo sem utilizar o termo "humanismo" (usado pela primeira vez em 1808), eram conhecidos pelo culto das humanidades (as *humanitas*: artes, literatura e filosofia).

Sem haver forma de resolver a questão, pois cada humanismo será definido em relação ao universo de valores que cercam o termo (o que é homem, liberdade etc.), Falcon alista algumas das definições mais importantes que o termo comporta hoje: o estudo dos clássicos (caracteristicamente renascentista); o ideal de expressão (as artes), a vinculação com a filosofia que compõe a visão de mundo renascentista e, por último, um humanismo decomposto em dois: um de tipo acadêmico, erudito e outro que apresenta um "conceito dinâmico do homem, individual e social, que aponta na direção do conceito de **humanidade** — eterna, genérica e homogênea; um conceito ontológico, portanto." (FALCON, 2000, p.37)

Heidegger (1991, p.07 e segs.) parte de um ponto anterior, enfrentando a questão de maneira diferente. Em primeiro lugar, ele lembra que a vinculação do humanismo ao Renascimento atesta o fato de que ele nasceu na Antiguidade, exatamente no modelo cultural que estava renascendo. É na cultura helênico-romana que o filósofo aponta a raiz do humanismo. A virtude, a disciplina, a civilidade romana, a beleza estética e o amor ao conhecimento grego. “Em Roma”, afirma Heidegger, “encontramos o primeiro humanismo. Ele permanece, por isso, na sua essência, um fenômeno especificamente romano, que emana do encontro da humanidade com a cultura do helenismo”. Assim como as *humanitas* de Roma eram uma oposição à barbárie dos inumanos, ou seja, os não-romanos, o filósofo afirma que o humanismo renascentista é a oposição ao barbarismo da Escolástica gótica da Idade Média. Neste sentido, o humanismo coloca-se, para o autor, como o **empenho de tornar o homem livre para sua humanidade**, pois nela reside sua dignidade, configurando-se as concepções de homem e liberdade no cerne do entendimento e da diferenciação de cada humanismo.

Heidegger focaliza sua análise em dois pontos centrais de seu pensamento, a partir de sua obra mais célebre, *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2002a, 2002b), evocada mais de uma vez na carta a Beaufret. Ele busca respostas às perguntas de Beaufret, refletindo sobre a existência humana em seu lugar e na incapacidade da Metafísica tradicional de re-colocar o ser em seu lugar, sendo a filosofia a busca da verdade do ser. Neste caminho, Heidegger critica todo o humanismo, pois “todo o humanismo se funda, ou numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma tal metafísica. Toda determinação da essência do homem que já pressupõe a interpretação do ente, sem a questão da verdade do ser, e o faz sabendo ou não sabendo, é Metafísica.” (HEIDEGGER, 1991, p.08) Pedro Nogare, comentando esta posição de Heidegger, registra que é conhecida a crítica do filósofo à Metafísica tradicional, considerando-a insuficiente para responder às questões acerca do ser e por esquecê-lo. Neste sentido, se todo o humanismo está fundado em uma metafísica, então todo o humanismo é insatisfatório em redescobrir o “sentido autêntico do ser, para reencontrar o humanismo autêntico”. (NOGARE, 1975, p.180-181) Na acepção de Heidegger, para atingir este objetivo é necessário re-descobrir a própria Metafísica, pois ela desconhece a questão central da busca do pensamento heideggeriano: a relação do ser com o ser humano e a busca da verdade do ser.

Heidegger re-afirma sua posição de que a Metafísica não conseguiu tornar o ser digno de ser pensado pelo homem, consistindo neste fato o seu acusado esquecimento. Para o filósofo, a Metafísica pensa o homem a partir da *animalitas*, ou seja, sua condição de animal. É neste ponto que ele evoca um conceito-chave na sua discussão acerca do humanismo: o *Dasein*, ou seja, o estar postado na clareira do ser, chamado por ele de **ex-sistência do homem**, como o modo de ser próprio do homem³. “A ex-sistência assim entendida não é apenas o fundamento da possibilidade da razão, *ratio*, mas a ex-sistência é aquilo em que a essência do homem conserva a origem de sua determinação.” (HEIDEGGER, 1991, p.10) Na ex-sistência, Heidegger aponta a essência humana, diferenciando a **existência**, presente nos outros seres vivos, e a **ex-sistência**, inerente e exclusiva do homem, impensada, até onde há conhecimento, em outros seres.

O pensador alemão coloca a questão de forma muito mais profunda do que simplesmente priorizar o homem, como os humanistas renascentistas pretendiam. Anne Buttmer mostra que o humanismo renascentista deve ser entendido como um

³ *Dasein* é a expressão usada por Heidegger para exprimir a ex-sistência humana. *Da* significa clareira, *sein*, ser. É o **ser-aí**, referente ao lugar que ocupa o homem em relação ao ser, como seu pastor, numa relação de cuidado. O homem é o lugar, a clareira do ser. (HEIDEGGER, 2002a)

movimento que surge para estabelecer uma discussão triangular entre a natureza, o divino e o humano. Isto era necessário em vista da minimização do poder e da ação humana em relação às outras duas esferas. A grande discussão em voga na era medieval na Europa ocorria entre o divino e o natural, tendo sido o homem extremamente diminuído em poder, vontade, liberdade e importância. (BUTTIMER, 1992) Desta maneira, o movimento humanista renascentista é uma resposta às concepções escolásticas e eclesiais, num esforço de recolocar o homem em seu lugar. (NOGARE, 1975) Semelhante era o sentido do humanismo romano, que buscava marcar a diferença entre o civilizado, que era versado ou valorizava as *humanitas*, um civita, e o bárbaro, o não-romano, o não-civilizado. Heidegger, porém, não se prende a estas divergências que, para ele, não centralizam a questão no seu foco principal: o ser e o homem como pastor do ser, não como senhor do ente. O humanismo autêntico é aquele que se preocupa com o ser e exerce a função do cuidado em relação a ele. Conforme suas palavras, “é o humanismo que pensa a humanidade do homem desde a proximidade com o ser. Mas é, ao mesmo tempo, o humanismo no qual está em jogo, não o homem, mas a essência historial do homem, na sua origem desde a verdade do ser.” É, para Heidegger, o **humanismo supremo**, a ser buscado e ainda inatingido. (HEIDEGGER, 1991, p.26)

À pergunta de Beaufret, “De que maneira dar novamente à palavra humanismo um sentido?”, Heidegger responde de forma muito significativa no conjunto do argumento de sua carta:

A sua pergunta não pressupõe apenas que o senhor quer conservar a palavra ‘humanismo’; ela contém também a confissão de que esta palavra perdeu o seu sentido. Ela perdeu o sentido, pela convicção de que a essência do humanismo é de caráter metafísico e isto significa, agora, que a Metafísica não só coloca a questão da verdade do ser, mas a obstrui, na medida em que a Metafísica persiste no esquecimento do ser. Mas o pensar que conduz a esta compreensão do caráter problemático da essência do humanismo levou-nos, ao mesmo tempo, a pensar a essência do homem mais radicalmente. No que diz respeito a esta *humanitas do homo humanus*, em sua dimensão mais essencial, resulta a possibilidade de devolver a palavra humanismo a um sentido historial que é mais antigo, que é o seu mais antigo sentido, sob o ponto de vista historiográfico. [...] O ‘*humanum*’ aponta, na palavra, para a *humanitas*, a essência do homem. O ‘ismo’ aponta para o fato de que a essência do homem deveria ser apreendida de maneira radical. Este sentido é o que possui a palavra ‘humanismo’ como palavra. Dar-lhe novamente um sentido somente pode significar: determinar de novo o sentido da palavra. Isto exige, de um lado, que a essência do homem seja experimentada mais originariamente; de outro lado, que se mostre em que medida esta essência é, a seu modo, bem-disposta. A essência do homem reside na ex-sistência. É esta ex-sistência que essencialmente importa, o que significa que ela recebe a sua importância do próprio ser, na medida em que o ser apropria o homem enquanto ele é ex-sistente, para a vigilância da verdade do ser, inserindo-o na própria verdade do ser. ‘Humanismo’ significa, agora, caso nos dedicamos a manter a palavra: a essência do homem é essencial para a verdade do ser, mas de tal modo que, precisamente em consequência disto, não importa o homem simplesmente como tal. Desta maneira, pensamos um ‘humanismo’ de natureza singular. (HEIDEGGER, 1991, p.28-29)

Heidegger deixa claro assim, alguns traços fundamentais do humanismo autêntico: a redescoberta do ser, a redescoberta da humanidade do homem humano (*humanitas do homo humanus*), a formulação de uma outra Metafísica, a essência do homem está na sua ex-sistência e é essencial para a verdade do ser. Contudo, Heidegger se pergunta se convém utilizar o termo "humanismo" para denominar algo totalmente diferente do conhecido, embora ainda se sustente em favor do humano. Não é uma questão fechada para ele, e não vemos necessidade deste debate. Humanismos se seguiram e conviveram/convivem sem haver esta distinção. Porém, a clareza do que se pretende é que se torna vital.

O pensar é a última ação do autêntico humanismo discutida por Heidegger. Na verdade, o autor inicia por ela e a retoma no final, relacionando-a com a verdade do ser. "Pensar a verdade do ser significa, ao mesmo tempo: pensar a *humanitas do homo humanus*. Importa a *humanitas* ao serviço da verdade do ser, mas sem o humanismo no sentido metafísico." (HEIDEGGER, 1991, p.35) Neste sentido, o autor afirma que o pensar, pensando a verdade do ser, determina a própria essência da *humanitas* como ex-sistência que parte do fato de pertencer ao ser. O pensar não cria a casa do ser, mas conduz à ex-sistência historial, isto é, a *humanitas do homo humanus*, para o âmbito onde nasce o que é salutar. Voltamos assim à noção presente em toda a carta de Heidegger: a humanidade do homem humano é o virtuoso, o livre, o que possibilita ao homem explorar sua engenhosidade e sabedoria, em busca de seus limites e possibilidades. Empreendimento possível com o homem no *Dasein*, como pastor do ser.

O humanismo autêntico para Heidegger, portanto, é uma busca. Mas suas diretrizes mostram alguns pontos centrais, que servem de guias mestras na continuação desta procura. Este humanismo ainda não foi encontrado, nem uma outra Metafísica foi formulada. Permanece grande parte do cenário filosófico que Heidegger deixou quando faleceu. Não é fácil prever os desdobramentos desta inquietação.

A preocupação com o ser, ao focar o homem, assumindo-o não apenas como indivíduo ou coletivo, mas, antes, priorizando o ser, sem esquecê-lo, em busca da essência do homem, sua experiência e existência (ou ex-sistência), focando a humanidade do homem humano: este é o sentido do Humanismo que deve permear a ciência. O caminho da busca do humanismo autêntico, porém, não é o único para se buscar a validade de uma postura humanista. Contudo, é certo que esta orientação nos leva a pensar em profundidade o que significam nossas ações e em que medida a *humanitas do homo humanus* está sendo realmente o foco de nosso pensamento, não como um corpo teórico formalmente estabelecido, mas como uma postura e, como em Heidegger, uma busca. Cada um atribui significado a esta busca de acordo com as suas respostas às perguntas: que é o homem? Que é liberdade? Em Heidegger, a essência do homem está no ser e na sua ex-sistência. Sua liberdade em poder exercer plenamente sua humanidade. Na crítica à ciência moderna, a questão foi colocada, muitas vezes, em termos semelhantes, embora ninguém focalize, como Heidegger, a ex-sistência e o ser. A crítica é dirigida mais diretamente à oposição entre conhecimento objetivo e subjetivo e à contraposição das esferas individual e coletiva que, na ênfase maior dada à segunda, tornou o homem limitado no seu livre arbítrio⁴. É neste âmbito que surgiram várias críticas de caráter humanista à ciência moderna, ao longo de vários séculos.

Assim, consideraremos a seguir a crítica humanista à ciência cartesiana e

⁴ A questão das escalas de análise e ocorrência dos fenômenos é um tema crucial que precisa ser re-colocado na pauta dos estudos humanistas e culturais, em particular, e da Geografia, em geral. Esboçamos uma primeira aproximação com esta discussão no contexto dos estudos sobre riscos, em busca de uma ontologia geográfica (MARANDOLA JR., 2004).

positivista na busca da compreensão do papel do humanismo ao longo dos séculos após o renascimento, como uma postura sempre presente e renovada de oposição às simplificações da ciência positiva. Esta crítica e insatisfação são um dos traços mais marcantes do humanismo contemporâneo o qual mostrar-se-á fortemente relacionado à gênese do humanismo e da abordagem cultural em Geografia.

A CRÍTICA HUMANISTA À CIÊNCIA: DE VICO AO SÉCULO XXI

A raiz de toda nossa argumentação é o cenário científico contemporâneo. Diversos autores têm, desde os anos 1960, apontado para as limitações do paradigma científico moderno, profundamente enraizado em uma visão mecanicista e positivista do mundo, da sociedade e do homem, configurando-se numa crise que está em todos os campos da vida humana, desde a sociedade, a cultura, as artes, a política, a economia, a ciência e a vida cotidiana, resultando num quadro de incertezas e riscos (BECK, 1992; SANTOS, 1998 e 2000; LEFF, 2001; GIDDENS, 1991 e 2002; HELLER, 1999). Mas estas inquietações são, na verdade, anteriores. Desde filósofos como Nietzsche, Bachelard e os fenomenologistas existenciais Kiekegaard, Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, o cientificismo e o objetivismo do paradigma científico moderno vêm sendo questionados.

A geógrafa Anne Buttimer realiza um resgate histórico, partindo das concepções renascentistas até a entrada do humanismo na Geografia, analisando o embate das concepções científicas e humanistas e apontando seus expoentes e querelas. Buttimer (1990; 1992) resgata uma oposição ao paradigma cartesiano muito anterior a estas do século XX. Trata-se do italiano Giambattista Vico (1668-1744) que, a princípio entusiasta da ciência cartesiana, passa a opor-se vigorosamente a ela, por vários motivos. Em primeiro lugar, assinala Buttimer, porque a aproximação racional do método de Descartes não permitia captar as muitas dimensões da **engenhosidade humana**, que se expressavam historicamente no senso comum, com um sentido comum que se necessitava para a ação. Em segundo lugar, eliminava a **prudência** e o juízo humano em assuntos morais. Em terceiro lugar, desvalorizava a **imaginação**, a **fantasia** e a **intuição**, por não considerá-las racionais. E por último, o que Vico considerava ser o mais grave: o método cartesiano impedia o entendimento da história.

Buttimer assinala que Vico dava profundo destaque à *ingegno, ingenium*, a qualidade inventiva dos humanos: a capacidade de perceber conexões e relações entre coisas diferentes. “El ingenio penetra y une en una relación común [...] cosas que ante el hombre corriente resultaban extraordinariamente fragmentarias y desaparecen.” (NICOLINI y CROCE, apud BUTTIMER, 1992, p.27) É a qualidade onde reside o pensamento metafórico, a qual podia revelar os segredos da cultura e da história humanas.

Nos séculos XIX e XX, o humanismo toma a forma de crítica ao positivismo e ao cientificismo. Buttimer registra o movimento existencialista deste período, desde Nietzsche, com sua análise da dicotomia apolínea e dionisíaca, assim como Kiekegaard e muitos outros existencialistas posteriores, que defenderam a idéia de que devia-se despertar os aspectos referentes à emoção, à vontade, à estética, à paixão e à natureza e conhecimento da ação humana.

A crítica desferida por estes pensadores, portanto, centrava-se em três crenças: a concepção de **verdade**, atribuída única e exclusivamente à razão científica; a concepção de **homem / humanidade**, seres unicamente racionais e dotados de uma

unidade coesa; a concepção de **natureza**, algo totalmente separado do homem, para o homem e sem o homem.

O século XX vê nascer e o século XXI começa a presenciar a consolidação de uma série de teorias abertas, renovações epistemológicas e novas posturas científicas, principalmente subsidiadas pelas descobertas da Física, conforme vemos nos trabalhos de Fritjof Capra, um dos principais divulgadores destes desdobramentos. (CAPRA, 1982; 1983) Ilya Prigogine e Isabelle Stengers estão também entre os grandes animadores desta discussão, tanto produzindo o conhecimento no campo da química e da física, quanto divulgando e refletindo acerca da natureza do tempo e da complexidade do universo (PRIGOGINE; STENGERS, 1991; PRIGOGINE, 1996; STENGERS, 2002). No campo da filosofia e das Ciências Humanas, Edgar Morin é uma das figuras mais proeminentes, apontando para as “insuficiências de un proyecto de conocimiento que abarcaría a las ciencias especializadas en la naturaleza y el hombre (biologismo, antropologismo, psicologismo), y afirmó que solo se podría entender a la naturaleza humana desde la cultura y la cultura desde la naturaleza” (BUTTIMER, 1992, p.29). O mito ocidental explorado por Morin (1991, 2001) do *homo sapiens* e do *homo demens*, demonstram a insustentabilidade de um paradigma que separe a racionalidade da irracionalidade, ordem e desordem, acerto e erro. Nossas ações, segundo Morin, estão tão intrinsecamente ligadas a estes dois vértices, que é praticamente impossível dizer onde começa e termina a influência de um e de outro.

Gaston Bachelard, com sua epistemologia científica, foi outro pensador que deu grande contribuição e voz à crítica ao positivismo no século XX. Sua contribuição pode ser delineada em pelo menos dois sentidos: combateu o positivismo não por decretar a morte da razão, mas por reavaliar o racionalismo e a objetividade científica, opondo-se aos reducionismos tradicionais da ciência cartesiana e comtiana. Por outro lado, aproximou ciência e arte, mediante a poesia, trazendo em sua reflexão aberta a possibilidade de apreendermos a riqueza do humano. O autor recupera a imaginação, realocando-a ao lado da razão, colocando ciência e poesia em dois eixos complementares, e não auto-excludentes como foi posto pela ciência moderna (BACHELARD, 1972, 1984, 1985, 1993)⁵.

Outro importante filósofo que tem produzido fecundas reflexões em oposição ao positivismo da ciência moderna e defensor da chamada teoria científica anarquista é Paul Feyerabend. Em *Contra o método*, o filósofo se coloca contra os modelos da ciência convencional, convencido de que nem o conhecimento nem a realidade podem ser aprisionados ou regulados por um resumo geral ou por uma teoria (FEYERABEND, 1991). Ele acusa a ciência de falta de criatividade, por optar pela reprodução de um saber sem surpresas, fundado na lei e na ordem. Feyerabend (1977) defende o inesperado e a desordem como elementos que podem abalar a estrutura hegemônica do conhecimento racional, pois, para ele, existe um irracionalismo na base do saber que precisa ser considerado para integrar mito e razão num sistema de relações de reciprocidade no seio de uma epistemologia anarquista.

Como podemos perceber, o século XX mostrou-se fecundo em produzir oposição e alternativas ao paradigma científico moderno. Esta fecundidade deu origem a duas grandes correntes que se ergueram, estabeleceram-se e agora compõe, junto com o neo-positivismo (enfoque mais comprometido com o paradigma moderno da ciência dominante), a tríade epistemológica na ciência e filosofia do nascente século XXI. Cada uma produziu uma forma de oposição ao positivismo, tendo ambas raízes no século XIX. Uma possui orientação crítica, com fortes raízes no marxismo. Outra fundamenta-se na fenomenologia de Husserl, com orientação humanista. Apesar de

⁵ Sobre as contribuições de Bachelard, ver Bulcão (1999), César (1989) e Silva (1999).

suas diferenças, possuem um ponto de origem comum: a insatisfação com o paradigma dominante da ciência neo-positivista.

Na Geografia, a manifestação desta tríade tem sido identificada com algumas nuances lexicais, mas mantendo a unidade desta avaliação. O Quadro 1 mostra três destas avaliações: a de Paulo C. da C. Gomes, no contexto de um estudo amplo das relações da Geografia com a Modernidade (GOMES, 2000); a de Carlos Augusto de F. Monteiro, no terceiro de uma série de estudos epistemológicos sobre o desenvolvimento da Geografia no Brasil (MONTEIRO, 2002)⁶; e o estudo de Paul Claval, trazendo uma perspectiva francesa, mas que se conecta ao desenvolvimento geral da ciência geográfica, em especial no Brasil (CLAVAL, 2002).

Quadro 1 - Orientações teórico-metodológicas da Geografia a partir de 1950

Enfoque ou Orientação	Principal matriz filosófica	Contexto de origem	Contribuição mais significativa à Geografia
horizonte lógico-formal ¹	neo-positivismo com filiação cartesiana	necessidade de afirmação científica pós Segunda Guerra Mundial	conhecimento da Terra, das diferenças regionais, condição científica à Geografia
tradição – teórico-quantitativa ²			
enfoque naturalista ³			
horizonte da crítica radical ¹	teoria crítica, marxismo e funcionalismo (neopositivismo)	movimentos de forte crítica social pós 1960	consideração mais crítica das questões sociais e da apropriação e produção do espaço
crítica radical ²			
enfoque funcionalista ³			
horizonte humanista ¹	fenomenologia e existencialismo	crise da modernidade, crise histórica e insuficiência dos demais horizontes em abordar todas as dimensões da vida humana	reabilitação de fenômenos desconsiderados pela ciência moderna, ampliando a capacidade analítica
cultural-humanista ²			
abordagem cultural ³			

1. Gomes (2000); 2. Monteiro (2002); 3. Claval (2002)

O quadro ilustra bem onde as preocupações humanistas se desenvolveram com mais ímpeto, contudo, ele oculta algumas das diferenças entre as abordagens humanista e cultural, por exemplo. Na seção seguinte, nos concentraremos em traçar

⁶ Os dois primeiros estudos desta série são *A Geografia no Brasil: avaliação e tendências* (MONTEIRO, 1978) e *Travessia da crise (tendências atuais da Geografia)* (MONTEIRO, 1988). Outra importante contribuição neste respeito é o livro *Clima e excepcionalismo*, que trabalha as conexões da Geografia com o movimento geral da ciência neste período de transição paradigmática (MONTEIRO, 1991).

as linhas que compõem o Humanismo em Geografia, procurando ressaltar as nuances e confluências destes diferentes enfoques, bem como suas contribuições para a conformação de uma Geografia permeada pelo Humanismo.

HUMANISMO EM GEOGRAFIA: CONFLUÊNCIAS E SIGNIFICADOS

O argumento que queremos defender é o seguinte: o Humanismo em Geografia deve ser uma postura que, deste ponto de vista, não pode ser reivindicada por uma única corrente ou orientação teórico-metodológica. A primeira dificuldade para deslindar o argumento é o uso que se faz do termo Humanismo sem uma distinção mais explícita da Geografia Humanista (ENTRIKIN, 1976; HOLZER, 1992). Embora o núcleo duro deste Humanismo seja exatamente a corrente Humanista, juntamente com a Geografia Cultural, ambas marcadamente fenomenológicas, estas mantêm relações com outras abordagens, como a teoria crítica, por exemplo. Procuramos mostrar como ambas as correntes possuem traços e objetivos muito próximos. Destarte, estas vertentes, além de reivindicarem o mesmo projeto e papel dentro da Geografia (o estudo da experiência humana sob a Terra), constituem formas complementares de se aproximarem da realidade (escalas individual e coletiva), sendo necessário a sua articulação para um quadro mais efetivo e complexo.

Procuramos apontar as raízes desta postura humanista entre os geógrafos muito antes dos estudos fenomenológicos em Geografia, na década de 1970⁷. Na verdade, os valores humanistas podem ter uma amplitude e abrangência tão profunda e influente quanto pressupostos teórico-metodológicos. Tais valores, portanto, não se aplicam a uma ou outra tendência, associando-se mais à postura do pesquisador, influenciando apenas posteriormente seu método de trabalho.

Valores Humanistas

Anne Buttimer é uma das principais pesquisadoras e animadoras do Humanismo em Geografia. Com trabalhos no campo epistemológico e do pensamento geográfico, Buttimer trouxe importantes contribuições tanto para consolidar a Geografia Humanista, quanto para sedimentar o caminho de uma prática permeada de humanismo.

Desde seu clássico *Values in Geography*, Buttimer tem buscado e investigado tanto os valores que têm influenciado a prática geográfica, quanto aqueles que deveriam estar presentes no fazer dos geógrafos. "For the 'issue-oriented' and for some theoretically oriented geographers, 'values' connote a kind of scientific humanism: science is the handmaiden and guide for improvements in the quality of life and betterment of the human conditional." (BUTTIMER, 1974, p.10) Assim, Buttimer res-

⁷ Falamos da década de 1970 em virtude dos estudos mais sistemáticos e variados que se desenvolveram a partir daquele tempo, pois as bases para uso da fenomenologia em Geografia foram lançadas aos poucos nas décadas anteriores. Entre os trabalhos seminais que influenciaram decisivamente o desenvolvimento dos estudos humanistas com base fenomenológica, destacam-se os textos de Carl O. Sauer, em 1925, *A morfologia da paisagem* (SAUER, 1998), e de John K. Wright, *Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography*, de 1947 (WRIGHT, 1947), além do livro fundamental de Eric Dardel, talvez a mais bem acabada obra de uma Geografia Fenomenológica: *L'homme et la terre: nature de la réalité géographique*, de 1952 (DARDEL, 1952).

gata o sentido dos valores, em seus três níveis, apontando para a inseparabilidade destes: o **privado**, referente à personalidade e ao contexto cultural; o **público**, ligado ao contexto social e à vida política; e o terceiro, os valores **profissionais**, que operam na formação disciplinar. Na verdade, são os três níveis que formam os valores, e separá-los assim é apenas uma forma de poder compreender as múltiplas origens que influenciam a conformação dos valores e que revelam-se em diferentes níveis de consistência ou conflito no nosso comportamento.

Embora a filosofia trate por excelência dos valores, Buttimer, de formação existencialista e cristã, busca sua manifestação na prática individual, sem desprezar a influência dos valores conflitantes, como a objetividade, que concorrem e se contradizem com o valor de uma ciência-livre, idônea e neutra, além do conflito dos valores da ciência e da arte, como duas culturas distintas.

Sua reflexão é fundamental por partir dos valores filosóficos, passando pela Sociologia, pela Geografia Tradicional, chegando à Filosofia novamente, por meio do Existencialismo e da Fenomenologia. Pensando os valores, ela resgata a importância do homem, da ética ambiental, da consciência social e da dimensão existencial da espacialidade e da própria Geografia.

Em estudos posteriores, Buttimer (1990; 1992) avança esta discussão, dedicando-se de forma mais específica aos valores humanistas, sempre com o foco na prática do geógrafo, uma de suas preocupações antigas (BUTTIMER, 1983). Com uma perspectiva ampla das problemáticas epistemológicas, Buttimer resgata o sentido de Humanismo a partir do Renascimento, trazendo à baila algumas metáforas míticas que, em sua opinião, constituem-se nos valores humanistas presentes na ciência e que também foram incorporados à Geografia. Sem deter-se em uma ou outra corrente da Geografia, Buttimer discorre sobre a **Poesis**, a **Paidea**, o **Logos** e o **Ergon** como valores presentes no próprio trabalho científico do geógrafo, mostrando que é aí o espaço do exercício do humanismo, como um elemento que permeia toda a prática geográfica.

A **Poesis** é o descobrimento, a exploração, a aprendizagem acerca da natureza da própria Natureza. Buttimer resgata os estudos das paisagens culturais, reais e imaginárias, despertando a curiosidade pelo gênero humano e a diversidade dos gêneros de vida, como elementos catalizadores da criatividade do estudante. Na verdade, ela afirma que a **Poesis** é o que move os geógrafos, é o desejo e a curiosidade, é a inventividade, e esta não é uma característica somente contemporânea. Buttimer assinala que muitos geógrafos como Cravay, Wright, Glacken, P. George, Brun-Tschudi e M. Sorre declararam terem sido estimulados em suas formulações teóricas e busca do conhecimento pela **Poesis**, como uma vocação, uma meditação, inspirados pelo desejo e pela curiosidade. Buttimer (1992, p.41) declara:

En el corazón de la POESIS está la invitación al descubrimiento y al auto-descubrimiento; puede tomar forma de la especulación abstracta o de las excursiones reales sobre el terreno. Puede implicar un juego léxico y ontológico, llevando a cabo por nuestros joyceanos (Olsson, 1975, 1981), así como un amargo recordatorio de las conexiones entre el conocimiento y el poder. Puede expresarse en brillantes textos sobre el futuro de la humanidad, en tratados «mea culpa» acerca del «sueño y la realidad» de la geografía aplicada (Nash, por publicar) o en consideraciones sobre la memoria histórica (Harris, 1978).

Hoje, as possibilidades são outras. Buttimer afirma que, transformados tecnologicamente, a Natureza, a distância, os gêneros de vida e os valores potencializam outras curiosidades, outras buscas e outras ansiedades, tornando necessário o co-

nhcimento de tecnologia e política, além da capacidade de compartilhar a investigação com especialistas de outros domínios. Porém, implícito está o desejo de preservar o tradicional, ou seja, aqueles traços e preocupações inerentes ao estudo geográfico. Assim como mostrou Monteiro (2002) no caso brasileiro, algumas preocupações tradicionais renovadas ainda são válidas, e não há sentido em desprezá-las pelo simples fato de serem chamadas de tradicionais. Neste sentido, Buttimer (1992, p.42) registra o significativo pensamento de William Mead:

No soy futurólogo [...] pero no preveo que los geógrafos pierdan su certificado de nacimiento... No veo nada spengleriano en el paso de una época primareval, referida a aspectos físicos y rurales, a un énfasis otoñal sobre lo industrial y lo urbano. Tampoco anticipo un invierno en el que la tiranía de los teóricos y los técnicos expulse a los poetas.

A ***Paidea*** possui o sentido da aprendizagem, do ensino e da educação. Como apontado, o ensino das *humanitas* era um dos traços marcantes do humanismo desde o renascimento. (FALCON, 2000) Buttimer registra que a *Paidea* está presente desde os pioneiros da Geografia Humana. A preocupação pedagógica da Geografia esteve presente entre os grandes geógrafos, muitos deles dedicando-se a elaborar livros destinados à divulgação e ensino da ciência. A autora assinala que a *Paidea* está relacionada com a infância, com o contato original que o geógrafo, ainda não geógrafo, tem com o ambiente e a natureza. Neste fato reside a importância e preocupação com o ensino. Neste aspecto, as **excursões**, tão características da Geografia desde os seus primórdios, desempenham papel central.

A autora mostra que as excursões provocam o desenvolvimento e a aprendizagem, mesclando emoção, estética e intelecto, na busca científica, provocando o apetite, o desejo do saber e o entendimento entre pessoas de diferentes origens.

En el alma de la *paidea* descansa, pues, una forma especial de aprendizaje que agudiza el apetito en lugar de sacialo; se quiere así despertar la conciencia acerca del contexto medioambiental de la experiencia humana. El creciente dominio del *logos*, de los cursos por escrito, ha tendido a ahogar una gran parte de ese descubrimiento, que fue fundamental en las expectativas originales de la geografía. (BUTTIMER, 1992, p.43)

Buttimer reconhece, no entanto, que escrever hoje acerca da *paidea* geográfica exige muito mais do que nos dias de Mackinder ou Demangeon, pois os objetivos podem muito bem assumir a mesma direção: deixar o excursionista formar suas próprias hipóteses, sua própria "integração" e regressar com mais perguntas que respostas para explicar o quebra-cabeça de como os humanos se relacionam com a terra. Com os novos mecanismos teleinformáticos, o banco de dados disponível acerca dos lugares é tamanha que traz de antemão uma forma de experiência com eles. Buttimer (1992, p.44) pergunta: "¿Qué hace falta para lograr una *paidea* humanista en nuestros días?". E responde apontando que o mais importante não é a infinidade de informações, presentes há tempos nas bibliotecas, ou um excelente itinerário elaborado pelo professor: o elogio está no descobrimento ao invés do doutrinamento, numa atitude que provoque perguntas ao invés de dar respostas e que não tema envolver-se emocionalmente na própria experiência de aprendizagem. Eis a *paidea* humanista geográfica.

Logos: o domínio da palavra. Buttimer comenta a complexidade deste traço no humanismo contemporâneo, pois ele é a marca central do racionalismo, sendo, desta forma, valor oposto ao humanismo. Contudo, a autora salienta que a aproximação

humanista ao conhecimento dá mais importância ao **entendimento** do que à explicação, como o pretende a ciência positiva. Esta diferenciação leva muitos a colocar o humanismo como um contraponto da ciência, por seu despropósito de elaborar leis gerais. Contudo, Wright já apontava que, por este critério, a Geografia e a Geologia perderiam muito de sua legitimação científica, derrubando este argumento:

Se cultivan dominios enteros de la ciencia, no con el propósito inmediato de formular leyes generales [...], sino para entender condiciones y procesos específicos. Esto es particularmente cierto para la Geografía y la Geología [...]. Si los méritos científicos se juzgan formalmente de acuerdo con el grado en el que logran establecer leyes generales, y no de acuerdo a la calidad del trabajo dedicado a tal investigación, entonces le sería denegado el mérito científico a una buena parte de (la Geología y la Geografía) [...]. (WRIGHT apud BUTTIMER, 1992, p.44-45)

No plano teórico, para a Geografia Humana de Yi-Fu Tuan, Buttimer lembra que estava todo o espectro da consciência humana. Além disso, seu programa para a Geografia Humanista centrava-se em explorar os significados e as relações afetivas da pessoa, ligando a ação (comportamento) ao pensamento, através do sentimento. A *paidea* da Geografia Humanista dá, desta maneira, muita importância às relações entre emoção e intelecto. Desta forma, Buttimer (1992, p.45) pergunta: “¿Es posible mantener estas conexiones en el *logos* humanista?” A resposta vem em tom poético.

Buttimer evoca a **metáfora**⁸ como o elo de ligação entre o pensamento racional e a emoção, tocando as cordas culturais e acionando a capacidade imaginativa humana. Buttimer (1992, p.46) volta a evocar Vico, para quem os homens primitivos “[...] sintieron la necesidad de componer para sí descripciones poéticas, esto es, géneros o proposiciones universales imaginativas para reducir tipos específicos a ciertos prototipos e retratos que se asemejan a las especies”. Desta maneira, Vico sugeria que, ao invés de se buscar as generalizações racionais, dever-se-ia voltar à “lógica da imaginação” e à “visão do engenho”, os quais criam gêneros e espécies metaforicamente, estabelecendo conexões e buscando relações entre diferentes domínios da realidade vivida.

“La metáfora sobrepasa majestuosamente a la teoría, al paradigma o al «ismo» como vía para entrar en el LOGOS de la geografía” (BUTTIMER, 1992, p.46). A metáfora, portanto, tem papel central no Humanismo em Geografia, ao passo que o pensamento humanista necessita de uma visão imaginativa, a qual articula-se melhor de maneira metafórica. A importância da metáfora reside, segundo a autora, na sua característica de recorrer não apenas ao intelecto, mas também à emoção e à vontade. Buttimer acredita poder, através da metáfora, alcançar um maior entendimento dos próprios gêneros de vida e um nível de auto-conhecimento, superando as limitações epistemológicas para, a partir daí, adquirir o hábito de “[...] dejar que el mundo hable por sí mismo”.

Por fim, o **Ergon** traz a emergência do geógrafo ser uma pessoa de seu tempo, tendo ação e prática na sociedade, conforme Beaujeu-Garnier (apud BUTTIMER, 1992, p.47) apregoava, trazendo à atenção que “[...] lo más importante en el espíritu de nuestros tiempos es el desarrollo humano, particularmente el desarrollo espiritual”. Porém, o autor salienta também que o geógrafo tem de estar atento aos problemas

⁸ Outros autores têm enfatizado a importância e o significado das metáforas para o estudo geográfico, em geral, e para uma abordagem humanista, em participar. Ver Tuan (1978), Livingstone e Harisson (1981), Buttimer (1996) e Seemann (2005).

que cercam o Terceiro Mundo, as grandes cidades, questões sociais como o desemprego, entre outros, que são problemas humanos que também tem de atrair a atenção do geógrafo.

Porém, Buttimer aponta para a necessidade de incorporar à Geografia Aplicada os valores subjetivos da vida cotidiana, para que a planificação e gestão burocráticas não reduzam a vida e a experiência humana. Há necessidade de realizar a conexão entre o conhecimento e a experiência vivida. Contudo, alguém desta necessidade de ação no mundo contemporâneo, Buttimer acusa que muitos que reivindicaram o título “humanista” têm preferido a “Torre de Marfim” e o escritório de planejamento nas cidades, esquivando-se de sua responsabilidade social.

A proposta de Buttimer é realizar a ligação **Poesis-Ergon**. Este projeto ambicioso baseia-se no pressuposto da prevalência do primeiro sobre o segundo, através de quatro categorias do interesse humano que devem servir de medida: **identidade, ordem, nicho e mudança**. Assim, a compreensão parte da aproximação que busca desmascarar as diferenças entre, por um lado, “la manera en que la gente de un determinado lugar interpreta su identidad, su orden, su nicho y su cambio y, por outro, cómo han sido interpretados estos elementos por la autoridades gestoras (naciones-estado, autoridades regionales, bloques comerciales internacionales, etc.)” (BUTTIMER, 1992, p.48). Assim, a aproximação se dá pelos dois flancos: a visão dos indivíduos, ligada à sua *poesis*, sua experiência, e a visão dos órgãos organizadores e gestores do espaço, movidos por ideais funcionalistas e ideológicos, confluindo a visão de dentro com a de fora⁹. Esta postura reunirá numa mesma análise, segundo Buttimer, a relação da tecnologia, como qualidade crítica intermediária das relações da humanidade, com a natureza com a postura humanista, como o quis Heidegger, de deixar que a realidade se manifeste por si mesma (*Besinnliches Nachdenken*). Buttimer frisa que este procedimento aproxima os humanistas das pessoas que, através do trabalho de campo, dialogam com elas, vivem o seu mundo (metodologia do observador participante), facilitando “[...] la participación activa de la gente en la interpretación y solución de sus propios problemas, en lugar de crear mercados para nuestros expertos conocimientos tan duramente obtenidos”.

É neste sentido que têm-se colocado diversos esforços no campo da Geografia. De certa forma, há o esforço de unir *Poesis-Ergon*, procurando traçar o encontro das linhas individuais e coletivas, por onde a pessoa vive e por onde ela caminha. Para isso é fundamental que as instituições e os indivíduos sejam vistos pelo pesquisador que está ali, experienciando aquele espaço ou lugar, e não totalmente afastado, sentado numa cadeira de juiz. Mesmo que a metodologia não seja a de observador-participante, a presença do pesquisador pode ocorrer de outras maneiras, caminhando e conversando, mas não necessariamente como participante¹⁰. Contudo, fica marcado o papel do *Ergon* de apontar para a liberação do pensamento e da vida contra as tiranias herdadas e impostas. Este é, na verdade, um método, como são as descrições institucionalizadas. É um forte grito contra os consensos. E este, talvez, seja um de seus maiores riscos, como serão abordados à frente.

⁹ O *insider* e o *outsider* (BUTTIMER, 1980).

¹⁰ Exemplo destas posturas metodológicas podem ser vistas em Gratão (2002) e Marandola Jr. (2003, 2005a, 2005b).

A Geografia Humanista

Fica marcado assim um traço forte do Humanismo: a oposição ao cartesianismo às amarras de pensamento e à ciência positiva, em busca de uma liberdade do homem, em todos os sentidos, buscando ampliar seus horizontes. De fato, este é também um dos principais traços da Geografia Humanista, sendo por isso encarada como uma forma de criticismo por Entrikin (1976). Yi-Fu Tuan, em texto considerado por muitos como “inaugurador” da Geografia Humanista, fala brevemente do traço humanista desta orientação. Ele levanta a heterogeneidade do Humanismo, citando Erasmo e o zoólogo Julian Huxley como tendo sido chamados de humanistas, e aponta o Humanismo como sendo uma visão ampla do que a pessoa é e do que ela pode fazer. (TUAN, 1976) Assim como Buttimer (1992), Tuan justifica o Humanismo atual na presença de uma ciência dogmática nas universidades, substituindo a força repressora da Igreja que impulsionou os primeiros humanistas. E volta ao paralelo: “Os pensadores da Renascença, como Erasmo e Sir Thomas More, não negavam a doutrina religiosa; eles a achavam insuficiente. O humanista hoje não nega as perspectivas científicas sobre o homem; trabalha sobre elas”. Este é o sentido apregoado aqui para o Humanismo em Geografia: complexificar ao máximo a aproximação com a realidade e a experiência humana, sem reducionismos ou negação total de valores ou orientações teórico-metodológicas, buscando o homem e a sua liberdade. Isto significa estar atento a mudanças e ao passado, buscando formas de enxergar a **multidimensionalidade** do homem, da sociedade e da natureza, e a essência multifacetada de suas relações, numa perspectiva **transescalar** (MARANDOLA JR., 2004).

Douglas Pocock, geógrafo inglês, levanta esta importância ao estudar o paradoxo da Geografia Humanista (POCOCK, 1983). Segundo o autor, os geógrafos comprometidos com ela vivem na fronteira entre a unidade e a generalização, partindo da particularidade em direção ao universal, através da busca do que há de essencial na experiência humana e a resposta à pergunta: o que é homem? Fazendo isso, estes geógrafos encontram-se também a meio caminho do artista, que complexifica o simples, e do cientista clássico, que simplifica o complexo. Este paradoxo, segundo Pocock, é o que dá sentido e identidade à Geografia Humanista, embasada na fenomenologia-existencial. É o que Tuan chama de “o fardo da consciência” (“*the burden of awareness*”), carregado por esta geografia.

A Geografia Humanista é, assim, a principal forma de manifestação do Humanismo em Geografia. Embora alguns autores a tratem praticamente sem distinção em relação ao Humanismo (ENTRIKIN, 1976, HOLZER, 1992), muitos outros ocuparam-se em mostrar a relação existente entre eles. Buttimer (1990) aponta que num primeiro momento o rótulo Geografia Humanista foi utilizado com diversas conotações, havendo algumas nuances em virtude da tradição lingüístico-cultural, firmando-se nos anos 1970 e 1980 como uma forma de Humanismo crítico à abordagem materialista e positivista, que procurava transcender a dicotomia físico-humana, por meio do resgate de autores como Marsh, La Blache, Braudel, Wright e Dardel, enfatizando a percepção do ambiente e a experiência humana.

Edward Relph foi outro pesquisador que se preocupou em demarcar as diferenças entre o Humanismo e a Geografia Humanista. Para ele, o Humanismo era uma corrente filosófica, composta principalmente de três grandes elementos, ou três principais formas de humanismo: o Humanismo religioso da Renascença, o Humanismo ateu do Iluminismo e o Humanismo Cristão atual, todos fundados na importância da razão e do homem para delinear e desenhar seu próprio destino (RELPH, 1981).

Assim como o ateísmo e o cristianismo, o marxismo, o liberalismo e o existencialismo foram correntes de pensamento filosófico que influenciaram e gera-

ram formas diferentes de humanismos. A Geografia Humanista surge principalmente influenciada pelo último, em conexão direta com o pensamento fenomenológico. O principal embate neste respeito, segundo Relph, era a oposição desta geografia à geografia cientificista, ortodoxa e racionalista. "In humanistic geography humanism is challenging its own extension, not as an act of self-awareness but through the confusions that beset it and make it so difficult to know just what humanism stands for." (RELPH, 1981, p.17)

Neste sentido, um criticismo fica marcado na abordagem humanista, tanto dentro da Geografia como nas demais ciências. Entrikin (1976) afirma que os geógrafos humanistas podem ser melhor compreendidos como aqueles que procuram recuperar a consciência pré-científica, aquela que Merleau-Ponty (1971) chamou de "consciência primordial", anterior às abstrações da ciência. É um caminho para recuperar a distinção sujeito-objeto e a distinção fato-valor realizada pela ciência positivista. Entrikin coloca estas distinções diretamente relacionadas ao modo de ver o mundo, separando o mundo objetivo das coisas e do mundo subjetivo da mente. Desta distinção deriva a separação do conhecimento do mundo objetivo (factual) dos elementos subjetivos (emoção, valor e significado). No entanto, se vemos o mundo como relação recíproca de sujeito e objeto, no qual nenhum pode ser efetivamente separado, Entrikin afirma que a distinção fato-valor torna-se nula, tornando impossível separar as metas, intenções e propósitos das experiências e conhecimento do mundo.

Este ver o mundo como relação recíproca, segundo Entrikin, é orientado pela filosofia fenomenológica existencialista, sendo central o conceito de **espaço existencial**. Há a meta comum, apesar das diferenças internas, de descrever a experiência geográfica do homem como ele realmente a experiencia, como significação, sem as mediações carregadas de valor e das abstrações da ciência. Porém, o autor salienta que a maneira de atingir esta meta é menos esclarecida. Mas esta é, na verdade, uma das características desta corrente, conforme Entrikin assinala: (1) Importância das metas, intenções, propósitos e valores, rejeitando a abstração e objetividade da ciência; (2) Ausência de metodologia claramente definida; (3) Importância de formas não empíricas de obter conhecimento, tais como a intuição; e (4) A meta de determinar a estrutura da forma da experiência humana (no caso geográfico, a estrutura da experiência humana do meio ambiente geográfico, de lugar, de região etc.).

Não há necessidade de "solucionar" esta diversidade de abordagens, buscando uma unidade epistêmica. Como já apontamos, a principal base filosófica do Humanismo em Geografia, a fenomenologia existencialista, não possui tal unidade, e esta postura está no cerne de seu criticismo contra a ciência positiva, como mostra Entrikin. Contudo, é importante prestar atenção a estas diferenças, pois elas evidenciam que o Horizonte Humanista, tal como caracterizou Gomes (2000), é o que melhor se aproxima de um Humanismo em Geografia, incluindo nele as correntes Cultural e Humanista, e apontando para a Abordagem Cultural em Geografia, defendida por Claval (2002).

Gomes aponta o problema da diversidade interna deste horizonte no diagnóstico feito quanto à raiz da crise do modelo científico. Nesta diversidade, o autor identifica três principais orientações do horizonte humanista geográfico: **humanismo crítico, o espaço vivido como proposta de humanização da Geografia e o humanismo fenomenológico**.

No humanismo crítico, há uma **visão antropocêntrica** sem, contudo, justificar a degradação do planeta, da fauna ou da flora. O antropocentrismo não contém necessariamente esta legitimação moral. Além disso, o **holismo**, a valorização da **cultura** e da **arte**, aprofundando-se nestas interfaces e empreendendo uma atividade científica e epistemológica fundada no pensamento complexo, são outras características deste humanismo. Sobre a questão do **método**, se marxista, se positivista, se fenomenológico ou hermenêutico, o foco não está em se defender o desprezo pela

Razão. Esta não é em si fruto da modernidade ou da ciência moderna. Ela apenas foi apropriada e utilizada por tais. Este humanismo busca, desta forma, focar o homem sem desfocar os processos racionais de busca do conhecimento.

Na Geografia do **espaço vivido**, Gomes afirma que não há esforço de perceber repetições ou de estabelecer padrões lógicos. Há a proximidade entre sujeito e região, através do sentimento de pertencimento. Este pertencimento apresenta-se não somente através da região, mas também da paisagem e dos lugares. A língua, a linguagem, a ordem simbólica, consciente e inconsciente, tornam-se distintivos deste espaço da vida do homem, através da experiência e identidade com a região. Este humanismo é o que mais se aproxima da Geografia Cultural e da Abordagem Cultural em Geografia.

A subjetividade está na pauta do humanismo, como traz o enfoque **fenomenológico**. Este resgata o mundo vivido como escala e categoria de análise, permitindo a compreensão mais orgânica da relação homem-meio, através do conceito de lugar e o estudo da memória, dos símbolos e da identidade. Estes tornam esta relação mais viva e humana. Desloca-se o foco das macro-funções e macro-estruturas para os sentimentos e as relações, sem, contudo, ignorar tais macro-processos. Não se trata de negar outras posturas metodológicas, e sim de enriquecer o estudo geográfico, adicionando a ele outras dimensões.

Há, portanto, uma diversidade de enfoques, principalmente quanto à escala e à centralidade do indivíduo ou das coletividades nas correntes do horizonte humanista. Procuraremos traçar um paralelo entre estas orientações e o projeto da Abordagem Cultural em Geografia proposta por Claval (2002).

A Abordagem Cultural em Geografia – um humanismo?

Assim como o Humanismo de Buttimer e Entrikin, a Geografia Humanista de Tuan e Relph e o horizonte humanista de Gomes, a Abordagem Cultural em Geografia tem sua raiz filosófica ligada à fenomenologia, como crítica ao objetivismo científico. O objetivo deste enfoque, segundo Claval (2002, p.32), é explorar a experiência humana, o que

[...] implica que se renuncie aos pontos de vista totalizadores e às generalizações sem fundamentos sólidos que proporcionavam. Ela parte do indivíduo e de suas experiências porque é através delas que os homens descobrem o mundo, a natureza, a sociedade, a cultura e o espaço. Indaga também a respeito do real, da maneira como é percebido, das palavras que dizem e das imagens que o traduzem.

Porém, diferente das propostas anteriores, que ocuparam-se em estabelecer uma corrente ou tendência específica, as mais recentes reflexões de Claval, anterior defensor e, em certo sentido, grande sistematizador da Geografia Cultural (CLAVAL, 1992; 1999), apontam não para uma corrente, mas para uma **postura abrangente**. A Abordagem Cultural é, na verdade, uma parte importante do Humanismo em Geografia, objeto deste ensaio e argumentação, pois compreende uma orientação geral que deve estar subjacente aos estudos em todos os campos geográficos. Claval (2001b, p.52-53) afirma:

A abordagem cultural não está limitada àquilo que há meio século era classificado sob o rótulo de 'geografia cultural'. Seu campo é muito maior: conscientiza os geógrafos de que suas atividades fazem parte da esfera cultural e que é impossível construir uma abordagem científica livre de determinação cultural. [...] A abordagem cultural implica um tipo

de consciência crítica, sem a qual é impossível estar em consonância com a nova epistemologia.

Referindo-se às teorias das revoluções científicas elaboradas por Thomas Kuhn, onde o desenvolvimento científico ocorre por períodos de crise e estabilidade, com questionamento, estabelecimento e superação de paradigmas, Claval (2002, p.37) afirma: "O que a evolução do pensamento geográfico propõe é diferente: a constituição de uma série de pontos de vista diferentes, mas que não se excluem totalmente". E como elemento de atualidade, que traça o nexo entre as correntes e que justifica a persistência dos demais paradigmas, Claval coloca a cultura, como o foco de preocupação para toda a Geografia Humana. Na verdade, ele re-elabora o problema central da Geografia Humana, acrescentando a abordagem cultural, que é uma preocupação essencialmente humanista:

Ao problema fundamental da geografia de ontem: 'Por que os lugares diferem?' acrescentam-se outros: 'Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem nele as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a ele os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem nele os mesmos sentimentos e a mesma afetividade?' (CLAVAL, 2001b, p.40)

Nesta resposta, está o elo que une a Abordagem Cultural e o Humanismo em Geografia: não é apenas devido à subjetividade humana, tampouco devido somente à cultura. A resposta está exatamente no encontro destas duas dimensões, que possuem uma diferença escalar que se cruza em dois pontos: no micro (o indivíduo) e no macro (a coletividade). É por isso que o Humanismo em Geografia não pode reduzir-se à Geografia Humanista: esta centra sua abordagem no indivíduo e seus temas de estudo estão claramente identificados com a investigação da experiência humana através desta escala. (LOWENTHAL, 1961; TUAN, 1976; RELPH, 1976; GARCÍA BALLESTEROS, 1992; HOLZER, 1992) Similarmente, a Geografia Cultural possui como meta explorar a vivência e a experiência humana na escala social, dos grupos e de seus membros. Seus temas de pesquisa apontam para esta orientação. (CLAVAL, 1992, 1999 e 2001b; MITCHELL, 2000; COSGROVE; JACKSON, 1987; McDOWELL, 1996) Estudar como as pessoas vivem seus espaços existenciais sem considerar a cultura em que estão imersos, é uma tarefa tão difícil quanto estudar a coletividade sem considerar a dinâmica nos indivíduos.

Estas correntes estão tão intrinsecamente ligadas que sua própria genealogia não pode ser realizada de forma completamente separada. Werther Holzer realizou este trabalho referente à Geografia Humanista, e não pôde deixar os autores da Geografia Cultural, como Carl Sauer, de fora. (HOLZER, 1992) Notadamente, os autores conhecidos como de uma abordagem são utilizados amplamente pela outra, assim como congressos e simpósios dedicados à uma corrente contam com a presença de autores de ambas, sendo frequentemente "confundidos", encontramos às vezes um autor sendo considerado pertencente às duas correntes e sua obra sendo declarada base para ambas. Isto mostra a indivisibilidade e a complementaridade destas correntes na sua proposta de abordagem e motivação científica.

No capítulo de sua obra *Épistémologie de la géographie* dedicado à abordagem cultural em Geografia, denominado *L'expérience humaine de la Terre*, Claval (2001a) resgata várias das tendências pioneiras da Geografia Humanista para embasar os fundamentos da abordagem cultural, desde os mapas mentais e as representações até a percepção da imagem urbana, reforçando a tese de que as duas abordagens possuem matrizes coincidentes.

No entanto, apesar desta ser uma tendência atual de Claval (seu livro *Geografia Cultural*, de 1995, não continha nenhuma referência aos geógrafos humanistas), muitos textos epistemológicos já tendiam, desde a década de 1980, a denominá-las como uma só corrente: cultural/humanístico ou cultural/humanista (AMORIM FILHO, 1983; LEY, 1985; ROWNTREE, 1986, 1987). Além disso, várias reflexões desenvolvidas desde a década de 1980 já apontavam para a confluência não apenas da Geografia Humanista com a Cultural, mas também aproximações entre a teoria marxista e a Geografia Social, buscando novas direções para a Geografia Cultural, como um campo maior onde estas influências poderiam frutificar (COSGROVE, 1983; 1987). Aproximações entre a abordagem humanista, a fenomenologia e a Geografia Social também tornaram-se freqüentes (SMITH, 1981; JACKSON, 1981; ENTRIKIN, 1994 e 2004).

No Brasil, estas aproximações têm sido menos freqüentes, estando a confluência principalmente entre a Geografia Humanista, especialmente a partir da produção estadunidense, e a Geografia Cultural francesa (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Os *Simpósios Nacionais sobre Espaço e Cultura*, promovidos pelo Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), exemplificam este fato. Este grupo tem-se dedicado a divulgar a Geografia Cultural no Brasil, através destes Simpósios (em 1998, 2000, 2002 e 2004), do periódico *Espaço e Cultura* e de uma série de livros intitulada *Geografia Cultural* (que já publicou 11 volumes). Contudo, uma análise de todo este material mostra que a fronteira entre Geografia Cultural e Geografia Humanista está cada vez mais tênue, notando-se uma evolução que acompanha o mentor deste movimento, Paul Claval, deixando menos importante a referência à Geografia Cultural e sublinhando-se a Abordagem Cultural em Geografia¹¹. As últimas reuniões da Comissão sobre o Enfoque Cultural em Geografia, da União Geográfica Internacional, presidida pelo mesmo Paul Claval (no período 2000-2004), como o *Simpósio do Rio de Janeiro*, realizado em junho de 2003, e o *30º Congresso Geográfico Internacional* (30th IGC), ocorrido em agosto de 2004, em Glasgow, no Reino Unido, enfatizam esta guinada de abordagem, numa clara busca de reunião das duas tendências sob o mesmo projeto e esforço intelectual. Em todas estas reuniões científicas, participam pesquisadores humanistas e culturais, com uma diversidade temática importante.

Mais recentemente, tem havido um esforço por parte daqueles mais comprometidos com a Geografia Humanista, ligados num primeiro momento ao estudo da Percepção do Meio Ambiente (área mais dinâmica da Geografia Humanista no Brasil), de promover uma maior integração entre os pesquisadores da área. A realização do primeiro *Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente*, em junho deste ano, em Londrina, no Paraná, foi um passo importante para termos uma leitura mais clara da abrangência destes estudos no país. Este evento veio fornecer mais elementos que apontam para a aproximação entre a Geografia Cultural e a Geografia Humanista. Além de seus participantes e do teor das discussões, várias das sessões trataram de temas claramente culturais, como a etnogeografia, identidades culturais, representações da natureza e imaginário da cidade.

Desta forma, estas duas correntes mostram-se intimamente ligadas, em vários sentidos: (1) na crítica ao cientificismo e ao positivismo; (2) na orientação filosófica (fenomenológico-existencialista); (3) no seu projeto para a Geografia (explorar e

¹¹ A este respeito, alguns autores, como Holzer (1997), tendem a encarar a Geografia Humanista como um *revival* da Geografia Cultural, sendo a principal responsável por sua renovação, havendo a tendência de fusão destas correntes. Contudo, cremos que o movimento que une estas correntes refere-se mais ao horizonte maior onde elas se colocam no quadro do desenvolvimento da ciência geográfica, assim como analisou Gomes (2000) acerca do horizonte humanista. Defender a unidade destas duas perspectivas (a humanista e a cultural) não pode significar, a nosso ver, passar por alto suas especificidades, que se enriquecem e se complementam.

ampliar a experiência e a consciência humana); e (4) no desejo de trazer uma contribuição à ciência geográfica, no sentido de, independente dos métodos, desenvolver uma postura que penetre em todas as análises geográficas (humanismo e a abordagem cultural).

Contudo, apesar destas semelhanças e desenvolvimento conjunto, as diferenças ficam bastante marcadas, embora sejam complementares, como a **escala** (individual e coletiva) e o **valor** (humanismo e cultura). Este último pode ser apontado como ponto de divergência, porém, a valorização da cultura é sem dúvida uma variação da valorização do homem, sendo estes, em certo sentido, sinônimos. Além disso, a origem não é a mesma, sendo a Geografia Cultural uma renovação de uma corrente tradicional, enquanto a Geografia Humanista surge no contexto das “revoluções” dos anos 1960 e 1970, época de radicalismos e novos humanismos. Ou seja, enquanto a corrente Humanista carrega o humanismo desde sua gênese, o esforço atual com a proposição de uma Abordagem Cultural em Geografia é, entre outros elementos, trazer um traço humanista e fenomenológico a esta abordagem.

O RESSURGIR DA FÊNIX E OS HUMANISMOS POSSÍVEIS

Para pensar os riscos e esperanças do Humanismo em Geografia, Buttimer evoca o desenvolvimento das idéias humanistas a partir de uma tríade mitológica (metafórica): Fênix, Fausto e Narciso. A **Fênix** mostra que o humanismo sempre ressurgue, como que das cinzas, refazendo-se e reinventando-se. É por isso que tivemos e temos vários humanismos desde o Renascimento. O **Fausto** simboliza o esforço de estruturar-se, organizar-se e de fazer-se. O **Narciso** é a imagem da soberba e do egocentrismo, vendo em si a imagem do mais belo, do perfeito, do definitivo. Esta tríade mitológica sintetiza, para Buttimer, os riscos e as esperanças do Humanismo em Geografia: embora o objetivismo e a ciência que exclui o homem se oponham ao esforço de revivê-lo, o Humanismo sempre ressurgue, novo e atualizado, pronto para empreender o processo faustiano de reconstrução de suas estruturas. Porém, o maior risco é o narcisismo, o desejo de supremacia e estabelecimento de um novo reducionismo. Entendemos que estamos vivendo esta fase hoje: há uma estrutura faustiana estabelecida e o espírito de Narciso rondando-nos de perto.

É por isso que Buttimer evoca uma nova Fênix, para que este Humanismo possa ser re-feito e re-estabelecido. Este Humanismo em Geografia deve considerar suas relações internas mais diretas (Humanista e Cultural), mas também não pode esquecer-se de suas relações externas, como com a crítica radical (COSGROVE, 1983), como as próprias tendências do pensamento social contemporâneo demonstram, afinal, o próprio marxismo é uma forma de humanismo (NOGARE, 1975), embora distinto do humanismo que defendemos nestas páginas. Contudo, a questão que se levanta é a necessidade de uma postura aberta e desarraigada, sem dogmatismos e ceticismos, estando abertos para dialogar e trabalhar junto com pesquisadores e posturas diferenciadas.

A tradição não deve ser esquecida, conforme a *Poesis* e a *Paidea* nos mostram. Desprezar estas correntes é cair no espelho narcisista, incorrendo no mesmo reducionismo que se pretende criticar. Além disso, evocar a *Ergon* é necessário, pois não apenas de culto ao homem se faz uma ciência. O ponto é a valorização de outros traços da realidade, para que o conhecimento seja revertido para a sociedade e para o homem, para o seu bem-estar e para o desenvolvimento de suas virtudes e da qualidade de vida. É neste âmbito que se insere a proposta de Buttimer de junção *Poesis-Ergon*.

O humanismo que pode permear a ciência, em geral, e a Geografia, em particular, é o humanismo que resgate a importância de se questionar sobre o significado do ser, procurando pela sua essência na contemporaneidade. É necessário abrir-se para a ex-sistência, e não somente para a existência, no seu sentido *lato*. É necessário re-colocar o ser no centro, e o humanismo autêntico prescinde deste pensar e deste questionar.

Este humanismo necessita priorizar o ser humano em todos os sentidos, seja por valorizar seus fenômenos **sentimentais** (poesia, literatura, cinema, artes plásticas), **racionais** (construções, economia, política) ou **psíquicos** (sonhos, imaginação, imaginário), nas escalas **individual** (existência) e **coletiva** (cultura). Estes podem estar associados, sendo passível de encontrar razões psíquicas em obras racionais, assim como em fenômenos sentimentais, de maneira transescalar. Este entrelaçamento valoriza o imaginário e a experiência no estudo geográfico, na medida que estes permeiam quase todas as atitudes, posturas e decisões humanas, sendo também fenômenos que nos distinguem e nos identificam como seres humanos.

É como Marco Polo explicou ao Grande Khan. O arco sustentador da ponte é algo invisível, como nossas experiências, nosso imaginário, nossos sentimentos. Se um materialista observar a ponte, ali só verá pedras. Mas estudar apenas as pedras não fará com que ele entenda o mecanismo que sustenta a ponte. Porém, um metafísico concentrar-se-á apenas no arco e, em sua abstração, não poderá dialogar com ninguém, pois sem as pedras nem o arco nem a ponte existem. Se por um lado, o invisível sustenta a ponte, por outro, o invisível está sustentado no visível. Afinal, nossos desejos nos movem apenas pela imaginação ou a imaginação também nos move pelo mundo econômico, político e físico? Este caminho nos aproxima de várias ciências e formas de conhecimento, necessitando de uma postura aberta e desarraigada.

Seria este o ressurgir da Fênix? O desenho e constituição de uma nova ciência, que se concentre no complexo, buscando sempre as relações e as conexões, lutando contra os reducionismos, ansiando a inteireza dos objetos? Estamos hoje capacitados para empreender esta caminhada?

Embora pontuais, não são tão insignificantes os exemplos de pensadores que tinham no cerne de seu pensamento, a complexidade e o holismo intrínseca e estruturalmente unidos. Gilberto Freyre foi um exemplo de hibridismo sensível e fantástico, livre dos dogmas científicos, produzindo uma obra que fica exatamente no caminho entre a literatura, a sociologia e a antropologia (MONTEIRO, 1996). Antônio Candido é outro pensador que trafega da crítica literária às ciências sociais e história, dando pitadas de Geografia no caminho (CANDIDO, 1964; SERNA, 2003). Entre os geógrafos, podemos citar Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que transita da climatologia à história da arte com a mesma facilidade que descreve teorias geossistêmicas ou problemáticas ambientais urbanas. Sua obra tem enriquecido grandemente a biblioteca dos geógrafos com textos permeados por humanismo e holismo inerentes, livre de correntes teórico-metodológicas¹². Sua obra é "trans" por excelência, sendo cha-

¹² Exemplo disso é a menção de Monteiro em artigo dedicado à *Evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia*, feita por Oswaldo B. Amorim Filho, que assim se justifica por ter incluído o autor no artigo: "O que faz com que sua presença seja indispensável na conclusão deste nosso estudo é mais sua posição de humanista autêntico, do que de adepto da Geografia Humanística. É, certamente, essa posição que o leva a conciliar, em uma trajetória intelectual coerente, de um lado, ao longo de sua vida acadêmica, estudos de caráter científico sobre o ambiente natural em geral e sobre o clima em particular; de outro lado, ensaios nitidamente humanísticos, como sua abordagem magistral do 'conteúdo geográfico nos espaços romanescos'; de outro lado, enfim, a obra grandiosa (5 volumes), produzida fora do domínio acadêmico (por isso pouco conhecida), sobre o itinerário de gerações de sua família, em que mais ainda se destaca sua postura de humanista e uma sensibilidade impar." (AMORIM FILHO, 1999, p.86)

mado a palestrar em congressos e simpósios das mais diversas áreas¹³, conseguindo, em vista disso, mirar com propriedade a ponte, o arco e as pedras simultaneamente.

Eis o desafio que vemos à frente para a ciência e para a Geografia: conseguir falar da ponte, das pedras e do arco ao mesmo tempo. Conseguir ter uma ciência permeada pelo Humanismo e pela Abordagem Cultural, sem perder nossas raízes e tradições. É a proposta de uma ciência humanista e orgânica, consubstanciada entre o material e o imaterial, mas com um valor de medida: o homem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à professora Yoshiya N. Ferreira, pela orientação e aprendizado durante os anos que trabalhamos juntos. Tenho que agradecer também aos professores Lúcia Helena B. Gratão, Rosely M. de Lima, Lívia de Oliveira, Daniel J. Hogan, Lourenço Zancanaro e Carlos Augusto de F. Monteiro, que contribuíram de diferentes formas no processo de construção deste texto e do meu pensar científico e geográfico. E um agradecimento especial à Janaina, que dota todo este pensar de significado.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo B. A produção do espaço e a análise geográfica. **Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, ano I, n.1, p.18-26, 1983.
- _____. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, ano 11, nos. 21 e 22, p.67-87, jan./dez. 1999.
- BACHELARD, Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. **Tempo brasileiro**, Rio de Janeiro, n.28, p.27-46, jan./mar. 1972.
- _____. **O novo espírito científico**. (trad. Juvental Hahne Jr.) 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. 151p.
- _____. **A filosofia do não**. (trad. Joaquim J. M. Ramos) Lisboa: Presença, 1984. 136p.
- _____. **A poética do espaço**. (trad. Antonio de P. Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242p.
- BECK, Ulrich. **Risk society: towards a new modernity**. (trad. Mark Ritter) London: Sage, 1992. 260p.
- BULCÃO, Marly. **O racionalismo da ciência contemporânea: uma análise da epistemologia de Gaston Bachelard**. 2ed. Londrina: Ed. UEL, 1999. 169p.
- BUTTIMER, Anne. **Values in Geography**. Washington: Association of American Geographers Commission on College Geography Research Report, n.24, 1974. 58p.

¹³ A título de exemplo, nos últimos dois anos, Monteiro esteve palestrando nos Simpósios sobre Espaço e Cultura, de Geografia Física Aplicada, de Climatologia Geográfica, sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, no Congresso sobre Arborização Urbana (evento organizado por engenheiros) e na Semana Roseana (sobre Guimarães Rosa), entre outros.

_____. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTIMER, Anne e SEAMON, David (eds.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980. p.166-187.

_____. **The Practice of Geography**. London: Longmans, 1983. (Clark University Press, New York)

_____. Geography, humanism and global concern. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v.80, n.1, p.01-33, marc. 1990.

_____. Fénix, Fausto, Narciso: esperanzas y riesgos del humanismo en Geografía. In: GARCÍA BALLESTEROS, Aurora (Ed.) **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, 1992. p.19-55.

_____. Musing on Helicon: Root metaphors and geography. In: AGNEW, John; LIVINGSTONE, David N. e ROGERS, Alisdair (Ed.). **Human Geography: an essential anthology**. Londres: Blackwell, 1996, p.54-65.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. (trad. Diogo Mainardi) São Paulo: Cia. das Letras, 1990. 150p.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1964. 239p.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. (trad. Álvaro Cabral) São Paulo: Cutrix, 1982. 445p.

_____. **O Tao da Física**: um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. (trad. José F. Dias) São Paulo: Cultrix, 1983. 260p.

CESAR, Constança M. **Bachelard**: ciência e poesia. São Paulo: Paulinas, 1989. 86p.

CLAVAL, Paul. Champ et perspectives de la géographie culturelle. **Géographie et cultures**, Paris, L'Harmattan, n.1, p.7-38, 1992. [Campos e perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p.134-196.]

_____. **A geografia cultural**. (trad. Luíz F. Pimenta e Margareth de C. A. Pimenta) Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999. 453p.

_____. **Épistémologie de la géographie**: comprendre le monde tel que les hommes le vivent à travers les paysages, les patrimoines et la confrontation des cultures. Paris: Nathan Université, 2001a. 266p.

_____. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto. (Org.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b. p.35-86.

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco e KOSEL, Salete (Org.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p.11-43.

COSGROVE, Denis. Towards a radical cultural geography. **Antipode**, v.15, p.1-11, 1983. [Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.5, p.5-29, dez. 1996.]

COSGROVE, Denis e JACKSON, Peter. New directions in cultural geography. **Area**, v.19, n.2, p.95-101, 1987. [Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p.15-32.]

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre**: nature de la réalité géographique. Paris: PUF, 1952. 133p.

ENTRIKIN, Nicholas J. Contemporary humanism in geography. **Annals of the Association American Geographers**, v.66, n.4, p.615-632, 1976. [O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.10, n.19, p.5-30, 1980.]

_____. Place and region. **Progress in Human Geography**, v.18, n.2, p.227-233, 1994.

_____. Humanistic Cultural Geography Reconfigured. In: INTERNATIONAL GEOGRAPHICAL CONGRESS, 30, 2004, Glasgow. **Abstracts**. Glasgow: IGU-UGI, 2004. [CD-ROM]

FALCON, Francisco J. C. Tempos modernos: a cultura humanista. In: RODRIGUES, Antonio E. M. e FALCON, Francisco J. C. (Org.) **Tempos modernos**: ensaios de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.20-48.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. (trad. Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg) Rio de Janeiro: F. Alves, 1977. 487p.

_____. **Diálogos sobre o conhecimento**. (trad. Gita Guinsburg) São Paulo: Perspectiva, 1991. 121p.

GARCÍA BALLESTEROS, Aurora. Las aportaciones de la Geografía Humanística. In: _____. (ed.) **Geografía y Humanismo**. Barcelona: Oikos-Tau, 1992. p.9-17.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. (trad. Raul Fiker) São Paulo: Ed. UNESP, 1991. 177p.

_____. **Modernidade e identidade**. (trad. Plínio Dentzien) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233p.

GOMES, Paulo C. da C. **Geografia e modernidade**. 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 368p.

GRATÃO, Lúcia H. B. **A poética d'"O RIO" - Araguaia**: de cheias... e...vazantes...(À) Luz da Imaginação! 2002, 354p. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. (trad. Rubens E. Frias) São Paulo: Moraes, 1991. 50p.

_____. **Ser e tempo – parte I**. (trad. Márcia de S. Cavalcante) 12ed. Petrópolis: Vozes, 2002a. 325p.

_____. **Ser e tempo – parte II**. (trad. Márcia de S. Cavalcante) 10ed. Petrópolis: Vozes, 2002b. 262p.

HELLER, Agnes. Uma crise global da civilização: os desafios futuros. In: _____. et al. **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p.13-32.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.08-19, 1997.

JACKSON, Peter. Phenomenology and social geography. **Area**, v.13, n.4, p.299-305, 1981.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. (trad. Sandra Valenzuela) São Paulo: Cortez, 2001. 240p.

LEY, David. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.9, p.413-423, 1985.

LIVINGSTONE, David N. e HARRISON, Richard T. Meaning through metaphor: analogy as epistemology. **Annals of the Association American Geographers**, v.71, n.1, p.95-107, 1981.

LOWENTHAL, David. Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v.51, n.3, p.241-260, 1961. [Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.103-141.]

MARANDOLA JR., Eduardo. **"Londrinas" invisíveis**: percorrendo cidades imaginárias. 2003. 242p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Depto. de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. Uma ontologia geográfica dos riscos: duas escalas, três dimensões. **Geografia**, Rio Claro, v.29, n.3, p.315-338, set./dez. 2004.

_____. Vulnerabilidades e riscos na metrópole: a perspectiva da experiência. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – ANPUR, 14, 2005, Salvador. **Anais**. Salvador: Anpur, 2005a. [CD-ROM] Disponível em <<http://www.xienanpur.ufba.br>>.

_____. Mapeando "londrinas": imaginário e experiência urbana. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE – SINPEC, 1, 2005, Londrina. **Anais**. Londrina: LPUR/DEGEO/UDEL, 2005b. [CD-ROM]

MARANDOLA JR., Eduardo e GRATÃO, Lúcia H. B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**. Londrina, v.12, n.2, p.04-19, 2003. Disponível em <<http://www.uel.br/projeto/cartografia/revista/v12n2eletronica/v12n2.html>>.

MCDOWELL, Linda. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Org.) **Geografia Humana**: sociedade, espaço e ciência social. (trad. Mylan Isaack) Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p.159-188.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. (trad. Reginaldo di Piero) Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971. 465p.

MITCHELL, Don. **Cultural geography**: a critical introduction. Malden: Blackwell, 2000. 325p.

MONTEIRO, Carlos A. de F. **A Geografia no Brasil (1934-1977)**: avaliação e tendências. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1980. 155p. [Série Teses e Monografias n.37]

_____. Travessia da crise (tendências atuais da Geografia). **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, IBGE, Edição Especial, n.50, Tomo 2, p.127-150, 1988.

_____. **Clima e excepcionalismo**: conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1991. 241p.

_____. O significante “ambiental” em Sobrados e Mucambos. In: FONSECA, Edson N. (Org.) **Sobrados e Mucambos**: entendimento e interpretação. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1996. p.67-114.

_____. A Geografia no Brasil ao longo do século XX: um panorama. **Borrador**, AGB-São Paulo, n.4, p.1-49, jul. 2002.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. 4ed. (trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya) São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001. 118p.

NOGARE, Pedro D. **Humanismos e anti-humanismos**. Petrópolis: Vozes, 1975. 290p.

POCOCK, Douglas. The paradox of humanistic geography. **Area**, v.15, n.4, p.355-358, 1983.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. (trad. Roberto L. Ferreira) São Paulo: Ed. da Unesp, 1996. 199p.

PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. **A nova aliança**: metamorfose da ciência. (trad. Miguel Faria e Maria J. M. Trincheira) Brasília: Ed. UnB, 1991. 247p.

RELPH, Edward. The phenomenological foundations of Geography. **Discussion Paper Series**, n.21, Department of Geography, Toron University, dez. 1976. [As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, 1979.]

_____. **Rational landscapes and humanistic geography**. London: Croom Helm, 1981. 231p.

ROWNTREE, Lester. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.10, n.4, p.580-586, dec. 1986.

_____. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.11, n.4, p.558-564, set. 1987.

SANTOS, Boaventura de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 5ed. Lisboa: Afrontamento, 1998. 199p.

_____. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. vol. I. São Paulo: Cortez, 2000. 415p.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: _____. **Sartre**. (trad. Rita C. Guedes) São Paulo: Abril Cultural, 1984. 191p. [Os Pensadores]

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (ogrs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.12-74.

SEEMANN, Jörn. Metáforas espaciais na Geografia: cartografias, mapas e mapeamentos. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Departamento de Geografia/FFLCH/USP, 2005. [CD-ROM]

SERNA, Jorge R. de la. (Org.) **História e literatura**: homenagem a Antonio Candido. Campinas: Ed. da UNICAMP; Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. 477p.

SILVA, Luzia B. de O. **Psicanálise, poética e epistemologia**: a contribuição de Gaston Bachelard. Londrina: Ed. UEL, 1999. 86p.

SMITH, Susan J. Humanistic method in contemporary social geography. **Area**, v.13, n.4, p.293-298, 1981.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. (trad. Max Altman) São Paulo: Ed. 34, 2002. 205p.

TUAN, Yi-Fu. Sign and metaphor. **Annals of the Association American Geographers**, v.68, n.3, p.363-372, 1978.

_____. Humanistic Geography. **Annals of the Association American Geographers**, v.66, n.2, p.266-276, 1976. [Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p.143-164.]

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.37, p.01-15, 1947.

Recebido em maio de 2005

Aceito em junho de 2005